

## Movimento voluntário criou 3.215 viseiras 3D para a Saúde e Educação



No início da pandemia, o SESARAM pediu ajuda à Secretaria de Educação para a criação, através da DRE e do CAP3R, organismo que dinamiza projetos tecnológicos nas escolas, de viseiras 3D. Daí, resultou o movimento “3D RAM contra o covid”.

A ideia surgiu por força da pandemia, numa fase inicial da nova realidade, em finais de março. E dessa ideia surgiu o movimento ‘3D RAM contra o covid’, com 31 particulares com impressoras 3D em casa que deram, gratuitamente, o seu contributo na conceção de viseiras 3D para profissionais de saúde e, mais tarde, com modelos mais simples, para as escolas. No total, foram criados 3.215 equipamentos de proteção pessoal desta natureza, dos quais 900 são para a Educação.

Mas vamos por partes. O Serviço de Saúde da Região solicitou ao CAP3R, projeto da Secretaria Regional de Educação, que gere e dinamiza projetos tecnológicos nas escolas, através de impressoras da Direção Regional de Educação, se seria possível conceberem viseiras 3D para os profissionais de saúde.

De acordo com Rui Branco, do CAP3R, e de Magda Ascensão, professora na escola da Levada e uma das principais dinamizadoras do movimento, a ideia foi logo acolhida e foram contactadas as escolas da Região que possuem impressoras 3D para auxiliarem. Assim, os equipamentos da DRE e de sete escolas começaram a imprimir os materiais necessários em exclusivo para o SESARAM. “A partir daí, ao colocarmos no Facebook a iniciativa, houve muitos particulares que quiseram nos ajudar a produzir as viseiras para o SESARAM”. Mais tarde, as escolas com impressoras começaram também a produzir e a disponibilizarem, se necessário, aos seus funcionários, como foram os casos das escolas Dr. Ângelo Augusto da Silva, Francisco Franco, Caniço, Porto da Cruz, Calheta, Estreito de Câmara de Lobos e Escola Prof. Francisco de Freitas Branco, no Porto Santo.

Embora as necessidades do Serviço de Saúde madeirense tivessem diminuído, a verdade é que o movimento cresceu e já tinha sido formado o grupo ‘3D RAM contra o Covid’. O resultado: 3.215 viseiras produzidas. Destas, sobraram 900 que estão à responsabilidade da SRE para distribuir pelas escolas, mediante solicitação. Fica também aberta a possibilidade de serem produzidas mais, com os meios dos estabelecimentos de ensino, com base na prototipagem definida. Pelo menos duas escolas já solicitaram estes equipamentos.

Magda Ascensão não esconde seu orgulho pelo trabalho voluntário desenvolvido pelos ‘makers’, com os seus meios e tempo. Muitas das pessoas estavam também em quarentena e esta iniciativa ajudou não só a manterem-se ocupadas e a sentirem que estavam a dar o seu contributo numa altura tão incerta e assustadora. “Estávamos todos em casa e todos nos juntamos para um bem maior”, sublinha, destacando o facto de muitos não se conhecerem.

O entusiasmo era grande e a partilha não só de conhecimento, como também de materiais, como filamentos ou elásticos, tornou-se frequente. Isso numa altura em que era difícil comprar este tipo de matéria prima na Madeira. Neste aspeto, “as escolas foram uma salvaguarda, porque tinham estes materiais. Por despacho, o secretário regional de Educação solicitou às escolas, com projetos ligados às tecnologias e às salas do futuro, que tivessem filamentos, que ajudassem à causa. Isso foi essencial”.

Os voluntários recebiam as indicações técnicas de como produzirem as viseiras, de acordo com as recomendações da Saúde, bem como com o conhecimento do projeto CAP3R, em particular do professor Emanuel Garcês, na prototipagem das viseiras 3D (em que foi desenvolvido um modelo mais simples e rápidos para as escolas) e nas potencialidades que as impressoras desta geração podem ganhar.

Mais tarde, como o SESARAM já estava bem equipado, as últimas produções, recolhas e entregas foram para a SRE a pensar nos funcionários, professores e alunos em época de exames, com o regresso ao ensino presencial”. “Tínhamos esta equipa montada, esta comunidade online, que queria continuar a trabalhar e a ajudar” realça Magda Ascensão.

E, se o SESARAM precisou de cerca de mil viseiras, a meta foi ultrapassada. Tanto que também distribuiu por bombeiros, polícias e outros profissionais na linha da frente.

A docente recorda o espírito de entreajuda entre os ‘makers’. “Como não queríamos que as pessoas saíssem de casa, estávamos dispostos a levar filamento à casa delas e depois fazer a recolha de uma forma segura”. As viseiras eram então entregues à equipa de montagem, que colocava os acetatos e os elásticos.

Inicialmente, uma viseira demorava cerca de cinco horas a ser impressa. Depois, com um modelo mais simples para as escolas, já era possível imprimir em cerca de 45 minutos a 1h30. Um quilo de filamento dava para fazer vinte viseiras para o SESARAM e cerca de 70 para as escolas.

31

VOLUNTÁRIOS

900

WISEIRAS para as escolas

5

HORAS era o tempo médio de criação de uma viseira para o SESARAM

Paula Abreu

In “*JM-Madeira*”